

## Gêneros jornalísticos em espaços digitais

Daniela Bertocchi<sup>1</sup>

Universidade do Minho

### Introdução

Entre os anos de 1999 e 2002, uma equipe de ciberjornalistas da Redação paulistana do portal brasileiro Terra<sup>2</sup> realizou uma cobertura jornalística especial para acompanhar as temporadas de vestibular<sup>3</sup> no Brasil. Os vinte e sete programas multimidiáticos previstos pelo projeto e realizados ao longo dos três anos seguiram basicamente um mesmo protótipo de trabalho: a produção de um programa em vídeo com transmissão ao vivo pela WWW (em modelo de mesa redonda com apresentador e convidados); a moderação de uma sala de bate-papo aberta à participação de utentes interessados no tema em debate no vídeo; a publicação online de conteúdo noticioso; a manipulação e publicação de arquivos (documentos relacionados ao assunto eram publicados em formato *jpeg, pdf e doc* para *download*); e o disparo de informações para celulares (sistema *wap*). Para garantir a memória do acontecimento, notícias, reportagens, entrevistas e o chat eram consolidados para contextualizar o usuário sobre o que havia acontecido durante a cobertura, enquanto fitas de vídeo era editadas para posterior publicação de vídeos on demand. Atividades que exigiam múltiplas competências e habilidades para alinhar o percurso da pré-produção à pós-produção.

Na concepção do projeto, em 1999, optamos<sup>4</sup> por lançar mão de formatos que nos eram familiares e com os quais nos sentíamos seguros. Do jornalismo impresso, emprestamos o modelo de notícia em texto com fotos e infográficos. A experiência com os gêneros utilitários de serviço, também do impresso, nos permitiu formatar as notas

---

<sup>1</sup> Mestranda em Ciências da Comunicação pela Universidade do Minho (Portugal) e bolsista de investigação do projeto Mediascópico-Ciberlab (UMinho/FCT). [danielabertocchi@gmail.com](mailto:danielabertocchi@gmail.com).

<sup>2</sup> Endereço: <http://www.terra.com.br>

<sup>3</sup> Exame que dá acesso aos cursos universitários no Brasil.

<sup>4</sup> Coordenei o projeto enquanto editora de Educação do portal Terra (1999-2002). Participaram da iniciativa profissionais das seções de “Arte”, “Chat”, “Multimídia”, “Parcerias” e “Tecnologia”.

curtas que traziam os hiperlinks para *download* de documentos. A partir das espécies do jornalismo televisivo, chegamos ao roteiro de debate ao vivo para a rede. E mais baseados no dialogismo dos videogames do que em qualquer modelo jornalístico, enxergamos na sala de bate-papo a possibilidade de os usuários interferirem em todo o processo comunicativo projetado. Sabíamos que não estávamos no âmbito do telejornalismo ou do jornalismo impresso, e nem dos videogames: estávamos fazendo ciberjornalismo<sup>5</sup>. Entretanto, sabíamos também que, para dar origem a um sistema jornalístico tão complexo - com unidades móveis articuladas por pontes (hiperlinks), aberto à participação externa -, necessitávamos de figurinos jornalísticos resistentes, precisos, confiáveis e previamente reconhecíveis por seus interlocutores jornalistas e utentes.

Passados seis anos – e apenas dez anos de jornalismo digital no Brasil<sup>6</sup> -- ainda persiste a pergunta: continuamos a pegar emprestado e a adaptar formatos de gêneros textuais tradicionais ao meio digital? Ou as clássicas estruturas estão a se desdobrar em novas e metamorfoseadas espécies? O que do velho encontramos no novo? Existe uma classificação possível para tais espécies?

Este trabalho, de caráter exploratório, tentará, neste momento inicial, trazer contributos teóricos que nos ajudem a refletir de forma crítica e analítica sobre tal fenômeno: o nascimento dos gêneros de texto ciberjornalístico<sup>7</sup>. O estudo entretanto faz parte de uma pesquisa maior que buscará observar a origem e evolução dos gêneros em espaços digitais, visando fornecer literatura para o campo do ciberjornalismo, sobretudo do universo luso-brasileiro, e contribuir para a análise da prática jornalística contemporânea.

---

<sup>5</sup> No lugar de expressões assemelhadas (“jornalismo online”, “webjornalismo” etc.) adotaremos o termo “ciberjornalismo” neste trabalho por ser a forma que, ao lado de “ciberjornalista”, está sendo cada vez mais utilizada em obras acadêmicas, além de ter a vantagem de ser lingüísticamente econômica (Saad, 2004ab; Díaz Noci & Salaverria, 2003:17).

<sup>6</sup> Sobre os dez anos de jornalismo digital no Brasil e em Portugal, aceder: [dezanos.blogspot.com/](http://dezanos.blogspot.com/).

<sup>7</sup> Preferimos falar em *gêneros de texto* (e não *discursivos*) porque, neste momento, interessamos a reflexão sobre a estrutura da entidade textual (escrita, falada etc.) corporificada em espaços digitais. Sobre o assunto, ver: Marchuschi, Luis Antonio. (2002) ‘Gêneros textuais: Definição e funcionalidade’ in Dionísio, A. P. , Machado, A.R. & Bezerra, M.A. (orgs), pp 19-36.

## 2. A teoria dos gêneros jornalísticos

A construção teórica dos gêneros literários - realizada desde Platão<sup>8</sup> e Aristóteles<sup>9</sup> até Goethe, entre muitos outros -- , dá-se, de forma bem simplificada, com a seguinte seqüência de atos: 1. em princípio existem os textos; 2. pelas mãos dos estudiosos dos fenômenos literários, esses textos são agrupados segundo suas afinidades lingüísticas e literárias (em gêneros); 3. a cada gênero, os críticos aplicam um segundo nível de classificação, levando em conta determinadas afinidades ideológicas (estilos literários). Desta forma, entende-se que os gêneros são abstrações teóricas e que Teoria dos Gêneros Literários é um princípio de ordem que não classifica a literatura segundo critérios de tempo e lugar, mas consoante os modelos estruturais literários existentes (Albertos, 1991: 391-392; Chaparro, 1999:99).

O processo descrito é aplicável ao campo de atuação do Jornalismo. A Teoria dos Gêneros Jornalísticos nasce como uma extrapolação da Teoria dos Gêneros Literários (Albertos, 1991:392). Por esta lógica, os gêneros do jornalismo são entendidos como modalidades históricas específicas e particulares da criação literária concebidas para lograr fins sociais determinados. Em outras palavras, como modelos textuais caracterizados por certas convenções estilísticas e retóricas (Díaz Noci & Salaverría, 2003:39; Salaverría, 2004). São as diferentes modalidades da criação lingüística destinadas a serem canalizadas por qualquer meio de difusão coletiva e com o ânimo de atender a dois dos grandes objetivos da informação de atualidade: o relato de acontecimentos e o juízo valorativo que provocam tais acontecimentos (Albertos, 1992:213,392). Os gêneros têm uma dimensão estrutural prototípica e outra temática, por isso conseguimos classificar uma espécie como “comentário esportivo” ou “crítica de música” (Casasús, 1991:87). Há ainda uma dimensão ligada ao suporte: “debate em mesa-redonda” (TV), “nota em SMS” (digital). E, apesar do caráter convencional, permitem marcas pessoais (Herrera Damas & Martínez-Costa, 2004:127).

---

<sup>8</sup> Platão foi o primeiro a trabalhar a noção de gêneros literários ao criar a tripartida: 1. gênero mimético ou dramático (tragédia e comédia), 2. gênero expositivo ou narrativo (ditirambo, noma, poesia lírica) e 3. gênero misto, uma soma dos anteriores (epopéia). Ver Medina, Jorge Lellis Bonfim (2001) ‘Gêneros jornalísticos: repensando a questão’, *Revista Symposium*, Universidade Católica de Pernambuco (Brasil), Ano 5, n. 1, Janeiro-Junho, pp. 5-13.

<sup>9</sup> “Gênero é a parte da essência comum entre espécies diferentes” (Aristóteles apud Chaparro, 1999:99).

A Teoria dos Gêneros Jornalísticos começa a ser formulada somente no final da década de 50 do século XX, graças aos estudos de Jacques Kayser<sup>10</sup>. Nasce, naquele momento, com forte caráter sociológico. Posteriormente, ganha uma dimensão filológica própria da sócio-lingüística e, por fim, passa a ser adotada sistematicamente nas universidades como o método mais seguro para a organização pedagógica dos estudos universitários sobre o jornalismo (Albertos, 1991:393). Por razões óbvias, é praticamente impensável encontrar algum autor da Teoria do Jornalismo que não faça referência à questão dos formatos de relato jornalísticos desenvolvidos ao longo de séculos. Pensar os gêneros é, em última análise, pensar o jornalismo (Rodríguez Betancourt, 2004). Há nomes, entretanto, que se destacam por contribuir especialmente para o campo, como o de Carl Warren, um dos primeiros estudiosos da reportagem como gênero jornalístico. Na escola hispânica, encontramos os nomes de maior tradição na área: José Luis Martínez Albertos, Lorenzo Gomis, Josep Maria Casasús, Luisa Santamaria, Gonzalo Martín Vivaldi, Miguel Pérez Calderón, Juan Gutiérrez Palacio, Hector Borrat entre outros, como Begoña Echeverría. No espaço luso-brasileiro, os autores mais expressivos são Carlos Manuel Chaparro, José Marques de Melo, Juarez Bahia e Luiz Beltrão. Para o campo específico do ciberjornalismo e que trabalham especialmente por uma Teoria dos Gêneros Ciberjornalísticos temos sobretudo Ramón Salaverría e Javier Dias Nóci, em Espanha; e por uma “taxonomia das mídias digitais”, temos Nora Paul e Christina Fiebich, nos Estados Unidos. Outro nome que contribui enormemente para este panorama através de uma ponte entre a lingüística e o jornalismo é o holandês Teun van Dijk. A lista não é exaustiva: há muitos outros nomes que trazem contribuições significantes e que, certamente, podem ser incluídos nela.

Boa parte dos autores que trabalha nesta área deixa-nos saber que as formas predominantes no discurso jornalístico atual e aquelas que se destacam para o futuro são resultado de uma lenta elaboração histórica que se encontra intimamente ligada à evolução do próprio jornalismo. Trata-se de um processo complexo que envolve fatores objetivos (técnicas de impressão, alfabetização, legislação jornalística, surgimento de novos meios etc.) e fatores subjetivos (liberdade de imprensa e outros aspectos de caráter profissional, moral, social, político). E trata-se de um processo de mão dupla:

---

<sup>10</sup> Kayser, Jacques. (1961) *O Periódico. Estudos de morfologia, de metodologia e de imprensa comparada*, Quito: Ciespal.

esses fenômenos sociais, por sua vez, ao longo do tempo, também são afetados pela atividade jornalística. As influências são mútuas, recíprocas e interdependentes entre o texto e o seu entorno, entre o relato e a recepção, entre o jornalismo e a sociedade (Albertos, 1991:264-266; Casasús, 1991:13-14).

A literatura existente nos explica que as espécies de gêneros nascem, transformam-se, mesclam-se com outras, originam subgêneros e, eventualmente, morrem<sup>11</sup>. Os gêneros, além disso, não aparecem em estado “puro” na prática: as espécies mantêm fronteiras ambíguas, pontos de contato, aproximações e intersecções. Exemplo disso no jornalismo seria a crônica, que não nasceu com o jornal diário, mas encontrou campo fértil no jornalismo quando os periódicos tornaram-se diários de grandes tiragens, há mais de 150 anos (Lopes & Reis, 2002:88).

O fato de os gêneros possuírem essa maleabilidade e capacidade de *re-generação* e *de-generação*<sup>12</sup> não significa que sua classificação seja indispensável. As classificações de espécies, ainda que sofram alterações com o tempo, são importantes porque as espécies de textos que englobam e os critérios em que se apóia são reflexos de todo o sistema de valores do jornalismo e de seus pressupostos etimológicos (Casasús, 1991:92; Herrera Damas & Martínez-Costa, 2004:127-139; Lopes & Reis, 2002:187).

A elaboração de classificações de gêneros foi acompanhando o aparecimento e o desenvolvimento de suas espécies ao longo das eras do jornalismo moderno. Grosso modo, temos: 1. **Jornalismo ideológico** - Consolida-se entre 1850 e o fim da I Guerra Mundial. De cariz doutrinante e moralizador, com ânimo proselitista à serviço de idéias políticas e religiosas, com muitas opiniões e poucas informações. Nesse período, firmam-se os textos do gênero jornalístico “comentário” ou “opinião” (*comment* para a escola anglo-saxônica), como, por exemplo, o **artigo** (Albertos, 1991:264-266); 2. **Jornalismo informativo** - Aparece desde 1870 concomitantemente com o jornalismo ideológico. Entre 1870 e 1914 perfila-se primeiro na Inglaterra e depois nos EUA como um jornalismo que prima pela narração de fatos. A partir de 1920, consolida-se em todo

---

<sup>11</sup> Para Tzvetan Todorov e Mikhail Bakhtin, cada gênero está em contínua *regeneração* Ver Machado, Irene. (2001) ‘Por que se ocupar dos gêneros’, *Revista Symposium*, Universidade Católica de Pernambuco, Ano 5, n. 1, Janeiro-Junho, pp. 5-13.

<sup>12</sup> A raiz latina *gen* está vinculada às idéias de descendência, raça, estirpe, linhagem, classificação, sexo.

o mundo ocidental. As espécies de texto predominantes dessa era são as do “relato” ou “informação” (*story* para os anglo-saxões), como, por exemplo, a **notícia** ou a **crônica** (Albertos, 1991:264-266); 3. **Jornalismo de explicação (ou de profundidade)** - Firma-se a partir de 1945. As espécies do gêneros “relato” e “comentário” continuam a ser utilizadas, mas de uma forma mais clara, permitindo aos leitores encontrarem as opiniões ao lado dos fatos narrados. É nesse período que o tipo **reportagem** entra em destaque e a **crônica** revela-se como uma espécie marcadamente híbrida entre literatura e jornalismo (Albertos, 1991:264-266); e 4. **Jornalismo social (ou de serviços)**: Casasús (1991:34) acredita que, a partir dos anos 70 do século XX, se iniciou uma nova etapa na história do jornalismo moderno, caracterizada pela consolidação de idéias profissionais universalistas e pela busca por assuntos de interesse humano e da vida cotidiana. Nessa fase, segundo o autor, surgem novas espécies de gêneros jornalísticos como a **análise**, o **informe**, a **notícia de situação** e o **infográfico**.

As classificações variaram ao longo do tempo segundo as tradições científicas, culturais e sociais de seus autores. Embora com particularidades específicas, podemos selecionar os estudos mais significativos e simplificar desta forma: a) **Gêneros informativos** (para Albertos, Ladevéze, Gomis, van Dijk; chamados de “espécies narrativas” em Chaparro): **notícias**, **reportagem**, **entrevista**; b) **Gêneros interpretativos** (denominados assim ou como “gêneros para a interpretação” em Albertos, mas também “evaluativos” para Ladevéze e van Dijk): **análise**, **perfil**, **enquete**, **cronologia**; c) **Gêneros argumentativos** (chamados desta maneira em Ladevéze; de “espécies argumentativas” em Chaparro; de “gêneros para o comentário e opinião” em Albertos, Gomis e Santamaria; e “evaluativos” em van Dijk): **editorial**, **comentário**, **artigo**, **resenha**, **coluna**, **caricatura**, **crônica**, **cartas**; e d) **Gêneros instrumentais** (chamados de “práticos” em van Dijk; de “espécies práticas” em Chaparro; e de “utilitário” para Marques de Melo): **indicadores**, **cotações**, **roteiros**, **obituários**, **previsão do tempo**, **agendamentos**, **carta-consulta**. Chaparro também engloba em sua classificação a “caricatura” e a “charge” como espécies “gráfico-artísticas”, dentro do gênero “comentário”. E ressalva que a “coluna” é uma espécie híbrida que pode tanto entrar no gênero argumentativo como narrativo. Marques de Melo prevê o gênero “diversional” para espécies que trazem histórias de interesse humano. Vale reiterar que a “reportagem”, a “crônica” e a “entrevista”, dependendo do

autor, ora figuram entre os gêneros informativos, ora entre os argumentativos (Albertos, 1992:281; Casasús, 1991:98; Chaparro, 1999:100; Melo, 1998).

O clássico binômio “gêneros informativos/opinativos”, de inspiração anglo-saxônica<sup>13</sup>, adotado como modelo de classificação dos gêneros jornalísticos durante décadas (e também amplamente usado na categorização dos gêneros de TV e de Rádio) vê-se, cada dia mais, em crise. Para Chaparro, trata-se, na verdade, de um falso paradigma, já que o jornalismo não se divide, mas se constrói com informações e opiniões. E, “além disso”, diz o professor, “está enrugado pela velhice de três séculos” (Chaparro, 1998:100). No caso do Brasil, por exemplo, essa classificação não consegue dar conta dos gêneros denominados de “serviço”, os quais deixaram de ser manifestações discursivas secundárias e passaram a ocupar um espaço significativo nos jornais daquele país. No caso da Espanha, outro exemplo, o paradigma resulta incompleto para conter a crônica, que apresenta toda uma personalidade própria dentro da tradição espanhola. (Albertos, 1992:268-269; Chaparro, 1999:95-97; Díaz Noci & Salaverría, 2003:40; Fontán, 2004:166; Ladevéze, 1991:104; Lopes & Reis, 2002: 189; Ponte, 2004: 32-33).

Percebe-se que os autores contemporâneos têm uma tendência a classificar os gêneros não pela quantidade e proporção de “informação” ou “opinião” que carregam, mas segundo a função que exercem: “relatar” e “comentar”. Para a informação, recorre-se a um gênero informativo (como a notícia). Precisando entender um acontecimento, procura-se um gênero interpretativo (como a reportagem). De forma sucinta, diz-se que as espécies do gênero informativo contam o que ocorreu, as do interpretativo explicam os porquês e as do opinativo valoram o sucedido (Yanes Mesa, 2004:23). Vista por esse ângulo mais cognitivo e pragmático, vemos na literatura sobre o tema uma tendência pela classificação teórica de gêneros por função e não por conteúdo. (Chaparro, 1999; Gomis, 1991:45; González Reyna, 1991:5-7).

Isso nos leva a um outro ponto essencial: os gêneros são um pacto firmado entre seus interlocutores para facilitar o processo comunicativo. Tal tendência contratualista garante que os autores e os leitores, telespectadores, ouvintes e utentes identifiquem as diversas espécies de gêneros – de modo consciente, no primeiro caso; e de forma intuitiva, no segundo – e saibam o que esperar de cada uma delas: opinião, informação,

---

<sup>13</sup> Paradigma atribuído à Samuel Buckley.

entretenimento etc.. Para os autores de seu conteúdo, é um formato a ser (per)seguido segundo o objetivo que se pretende alcançar. Para o público, um *horizonte de expectativas*. (Albertos, 1992:267; Zamora, 2004:232). A bússola para navegar pela informação é a mesma para ambos. É por isso que os gêneros jornalísticos pressupõem uma competência narrativa de seus interlocutores. Para decodificar um tipo de texto, os interlocutores precisam tê-lo interiorizado.

O fato de haver esse contrato entre interlocutores é um dos motivos que leva muitos autores a afirmarem que os gêneros são de fundamental importância para o ensino do jornalismo. (Albertos, 1992:263; Chaparro, 1999:94, Gomis, 1991:44). Quanto mais forem respeitadas as convenções do gênero, mais homogêneo resultará o trabalho jornalístico e mais confiança adquirirá o receptor da mensagem. São formatos que devem ser dominados pelos profissionais do jornalismo, pois representam, além de tudo, uma solução para o trabalho em equipe. Nas palavras de Gomis (tradução livre):

“Os gêneros jornalísticos nascem como herdeiros dos literários, mas a necessidade de gêneros no jornalismo é mais imediata e urgente que na literatura. Na literatura, há a assinatura de um autor, enquanto que num jornal ou telejornal é combinado o trabalho de muitas pessoas (...) Um texto é elaborado por várias mãos que permanecem anônimas (...) A informação que um preparou, o outro tem que editá-la e ajustá-la ao espaço e ao tempo (...) É preciso saber, portanto, não somente o que está se dizendo, mas o que se está fazendo: se trata-se de uma notícia, uma reportagem, uma crônica, um editorial” (Gomis, 1991:44).

### **Os gêneros ciberjornalísticos**

Refletir sobre os gêneros ciberjornalísticos é pensar sobre o próprio ciberjornalismo, uma modalidade jornalística surgida no final do século XX que se apropria do ciberespaço para a construção de conteúdos<sup>14</sup> jornalísticos. Falamos aqui do jornalismo feito especialmente na rede e para a rede (Bastos, 2000:12) (não de conteúdos do jornalismo impresso, do telejornalismo ou radiojornalismo transpostos para a rede ou elaborados a partir de investigações jornalísticas na rede) e que possui, à semelhança das outras modalidades, uma linguagem jornalística própria. Esse novo

---

<sup>14</sup> Optamos por “construção” de conteúdos, e não “difusão”, porque nosso objetivo é ressaltar o caráter de coletividade desta construção (entre autores e usuários) muito mais do que o caráter difusionista, próprio do paradigma de mão única (“emissor-mensagem-receptor”) da comunicação massiva.



campo está a sofrer o impacto de diversas forças, tais como: a de mercado (empresas jornalísticas com negócios em meios digitais que buscam processos comunicativos eficazes e lucrativos), a da audiência (pressão por participação dos “usuários-produtores”), a académica (para a formação de ciberjornalistas críticos<sup>15</sup>). Os gêneros de texto ciberjornalístico fazem parte deste sistema e absorvem os reflexos deste conjunto da mesma forma que sofrem o impacto da resistência psicológica dos profissionais diante de um novo meio e também dos entraves tecnológicos e de ordem econômica (vide crise das empresas de comunicação).

O ciberjornalismo, além disso, pulsa nas veias da chamada *eComunicação*, e não exatamente da comunicação de massa. Os novos paradigmas da comunicação digital são: 1. o usuário é central no processo comunicação (e não uma audiência passiva), 2. os meios de comunicação digitais vendem conteúdos (e não suportes), 3. a linguagem deste meio é multimidiática (e não monomidiática), 4. os conteúdos são atualizáveis em tempo real (e não diariamente, ou semanalmente), 5. há espaço para uma abundância de dados (não há o constrangimento das limitações físicas), 6. o meio não é mediado (desaparece a figura do *gatekeeping* e some a *agenda-setting*), 7. a comunicação dá-se de muitos para um e de muitos para muitos (e não de um para muitos), 8. o meio digital dá ao usuário a capacidade de mudar o aspecto do conteúdo, produzir conteúdos e se comunicar com outros usuários (interatividade), 9. a gramática da *eComunicação* é o hipertexto (e não o texto linear) e, por último, 10. a missão dos meios digitais é dar *informação sobre a informação*, dado o caos de informação que se apresenta em redes digitais (Orihuela, 2003).

Para além disto, parece-nos que os gêneros digitais não se encontram no tempo do *jornalismo explicativo* de Casasús. Mas talvez na era do “jornalismo de código aberto” de Gillmor (2005). Um tempo que começou no passado 11 de Setembro, deflagrado precisamente no momento em que pessoas comuns apropriaram-se de diversas ferramentas comunicacionais disponíveis no ciberespaço e, por meio delas, começaram a produzir as suas próprias notícias. Em outras palavras: a transformação do *jornalismo de hoje* para o *jornalismo do amanhã* se deu quando, em um momento único e crítico da História, a tecnologia estava lá para qualquer um vestir o figurino do jornalista e relatar

---

<sup>15</sup> Infelizmente, algumas vezes mais “técnicos” do que críticos. Ver Palomo Torres (2004) e Saad (2004).

o acontecimento. Entramos, naquele momento, na era em que *nós somos os media*, num tempo em que a linha divisória entre produtores e consumidores se esbate. E a rede de comunicações se torna um meio para dar voz a qualquer pessoa.<sup>16</sup>

Lançamos assim o nosso contributo para o debate teórico acerca do tema: se por um lado, observamos que os gêneros jornalísticos em espaços digitais continuam a responder à mesma lógica das espécies do jornalismo tradicional – são modelos *re(de)gerados* de outros, fundamentais para o ensino do jornalismo, historicamente situados, carentes de uma atualização classificatória e de forte cariz contratualista entre seus interlocutores –, por outro, observamos que vivem num tempo de dialogismos e respiram os ares de um subcampo jornalístico em formação – subcampo esse, o ciberjornalismo, com paradigmas peculiares e com suas próprias contradições. Refletir sobre os gêneros digitais, pois, significa refletir sobre todo o Jornalismo e sobre os avanços e retrocessos que o mesmo vem sofrendo neste início de século XXI.

Para alargar o debate, complementamos essa idéia com outros três apontamentos:

*Sui generis* – Acreditamos que os formatos do ciberjornalismo tendem a ser formar a partir dos modelos do jornalismo impresso, num primeiro momento. Isso acontece porque o jornalismo nasce vinculado ao meio papel e é no jornalismo impresso que existem as referências teóricas e práticas mais consolidadas<sup>17</sup>. Sem contar que os leitores vão aprendendo a consumir os produtos noticiosos digitais graças em grande parte à sua experiência prévia de consumir o jornal impresso (Jim Hall, 2001, apud Salaverría, 2005:143, Palácios, 2005:11). Entretanto, as espécies tendem a se convergir (fusão) e a originar novos subgêneros, ao mesmo tempo que se redefinem, ganhando autonomia e, sobretudo, o reconhecimento de todos os seus interlocutores para que haja a competência narrativa esperada. O meio digital provoca o surgimento de espécies *sui generis*, como, por exemplo, os infográficos interativos Ramón Salaverría, em

---

<sup>16</sup> Bertocchi, Daniela (10 de Maio de 2005). “*O jornalismo do futuro já chegou*”, Observatório da Imprensa: [observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=328ENO001](http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=328ENO001). Acessado em 11/05/2005.

<sup>17</sup> Importante notar que as tradicionais espécies do jornalismo impresso, radiofônico e televisivo, por sua vez, sofrem influência das novas espécies ciberjornalísticas. Trata-se de um processo circular complexo, com determinadas particularidades e especificidades dentro de cada sociedade.

entrevista<sup>18</sup>, dá-nos outro exemplo: “É o caso das crônicas ao vivo, como as esportivas (...) um formato novo que veio de espécies radiofônicas e só foi possível no ciberespaço”. Isso não quer dizer que a *totalidade* das espécies se hibridizam ou devam se transmutar em algo novo. Observamos que certas espécies mais duras, como o editorial e o artigo de opinião, até o momento estão sendo transladadas para o media digital sem sofrer grandes arranhões.

**Geometrização dos gêneros** – Lançamos para reflexão a idéia de que os gêneros de texto ciberjornalístico, à diferença dos tipos clássicos, apresentam-se como modelos tridimensionais (hipertextuais) dentro de uma linguagem (multimídia). Como afirmou Heras (1990) – há mais de quinze anos – no meio digital o sistema de escritura é “geometrizado”: escrevemos e lemos não sobre o plano de uma página, mas sobre as faces de um cubo. Para os gêneros do ciberjornalismo (cubos abertos à atualização e interação, maleáveis, de faces móveis e navegação multilinear) é suposto cada vez mais um trabalho jornalístico prévio de geometrização de palavras, imagens e sons (com ordem, rigor, simplicidade, rigidez, linearidade, imobilidade). A construção e navegação de e por cubos não será, entretanto, regra geral para todos os gêneros. A despeito de já termos ouvido muita súplica por mais hipertextualidade (como por interatividade e multimidialidade), o fato é que o “modo hipertextual de ler e escrever” deverá ser “uma entre muitas formas” de modalidade de produção simbólica, tanto dentro como fora do ciberespaço (Palácios, 2005).

**Gêneros coletivos** – Os gêneros do ciberjornalismo tendem a funcionar como um pacto implícito entre um novo tipo de autor e um novo tipo de leitor: não mais o leitor contemplativo da idade pré-industrial, nem o leitor de jornais, filho da Revolução Industrial, mas, na denominação de Santaella (2005: 19), o *leitor imersivo*, aquele que entra nos espaços incorpóreos da virtualidade e que, segundo Gillmor (2005), longe de ser o indivíduo que apenas sugere pautas ao repórter, telefona para a emissora rádio ou envia cartas ao editor do jornal, será cada vez mais aquele cidadão ativo que -- como os utentes que abastecem o *Wikinews* e os muitos blogueiros que fazem do seu “jornalismo pessoal” um ato de participação cívica - organiza grupos, ultrapassa as fontes

---

<sup>18</sup> Bertocchi, Daniela. (7 de Junho de 2005). *"A tecnologia não é inimiga"*. Observatório da Imprensa: [observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=332ENO002](http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=332ENO002). Acessado em 07/06/2005.

tradicionais de informação e interfere no processo jornalístico contemporâneo. Novamente: nem toda espécie digital, entretanto, é coletiva. Mas há que se ter em conta que pode ser para muitos casos e que, nessas situações, exigirá do ciberjornalista uma abertura à conversa e uma predisposição à co-autoria.

## **Bibliografia**

- Albertos**, J.L.Martínez. (1992). *Curso general de redacción periodística*. Madrid: Paraninfo.
- Bastos**, Helder. (2000). *Jornalismo electrónico – Internet e reconfiguração de práticas nas redacções*. Coimbra: Minerva.
- Casasús**, J.Maria & **Ladevéze**, L.Núñez. (1991). *Estilo y géneros periodísticos*, Barcelona: Ariel.
- Chaparro**, Manuel Carlos. (1999) ‘Diferenças discursivas no jornalismo diário de língua portuguesa’ in Atas do 1º Encontro Lusófono de Ciências da Comunicação, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, pp. 94-105.
- \_\_\_\_\_. (1998) *Sotaques d’aquém e d’além mar – Percursos e gêneros do jornalismo português e brasileiro*. Santarém: Jortejo.
- Díaz Noci**, Javier & **Salaverría**, Ramón. (coords.) (2003) *Manual de Redacción Ciberperiodística*, Barcelona: Ariel.
- Gomis**, Lorenzo. (1991) *Teoría del periodismo: cómo se forma el presente*, Barcelona: Paidós.
- González Reyna**, Susana. (1991) *Periodismo de opinión y discurso*, México: Trillas.
- Heras**, Antonio R. de las (1990) *Navegar por la información*, Madrid: Fundesco.
- Herrera Damas**, Susana & **Martínez-Costa**, M. Pilar. (2004) ‘Los géneros radiofónicos en la teoría de la redacción periodística en España – Luces e sombras de los estudios realizados hasta la actualidad’, *Revista Comunicación Y Sociedad*, Universidad de Navarra (Espanha), Volume XVII, n 1, Junho, pp. 115-143.
- Yanes Mesa**, Rafael. (2004) *Géneros periodísticos y géneros anexos*. Madrid: Fragua.
- Lopes**, A.Carlos & **Reis**, Ana Cristina. (2002) *Dicionário de Narratologia*, Coimbra: Almedina.
- Marques de Melo**, José. (1998) *Gêneros e formatos na comunicação massiva periodística: um estudo do jornal Folha de S. Paulo e da revista Veja*. Disponível em: [intercom.org.br/papers/1998/gt03/gt0301.pdf](http://intercom.org.br/papers/1998/gt03/gt0301.pdf). Acessado em 15/01/2005.
- Orihuela**, Jose Luis. (2003a) ‘eCommunication: the 10 paradigms of media in the digital age’ in Salaverría, R. & Sádaba, C. (edit.) (2003) *Towards new media paradigms – Content, producers, organizations and audiences*, Atas II Cost A20 Internacional Conference Proceedings, Pamplona: Eunat, pp.129-135.
- Palácios**, Marcos. (2005). ‘*Natura no facit saltum*. Promessas, alcances e limites no desenvolvimento do jornalismo on-line e da hiperficção’. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*, Abril, pp 2-20.

**Palomo Torres**, Maria Bella. (2004) *El periodista on line: de la revolución a la evolución*, Sevilla: Comunicación Social.

**Ponte**, Cristina. (2004) *Leituras das notícias – Contributos para uma análise do discurso jornalístico*, Lisboa: Horizonte.

**Rodríguez Betancourt**, Miriam. (2004) ‘Géneros periodísticos: para arrojar su hibridez’. *Estudios sobre el Mensaje Periodístico*, Vol.10, pp. 319-328.

**Rueda**, María Alcalá-Santaella Oria de (2004) ‘Nuevos modelos narrativos: los géneros periodísticos en los soportes digitales’ in Cantavella, J. & Serrano, J. F. (coords.) (2004) *Redacción para periodistas: informar a interpretar*, Barcelona: Ariel, pp. 95-115.

**Saad**, Beth. (2004) *Estratégias para a mídia digital*, São Paulo: Senac.

\_\_\_\_\_. (2004) ‘O ensino da comunicação e do jornalismo no panorama das mídias digitais: perspectivas para uma renovação do perfil de habilidades e competências’, *V Congresso Ibero-americano de Jornalis na Internet*, Novembro de 2004, UFBA (Brasil).

**Santaella**, Lucia. (2004) *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*, São Paulo: Paulus.

**Salaverría**, Ramón. (2004) ‘Diseñando el lenguaje para el ciberperiodismo’ *Revista Latinoamericana de Comunicación Chasqui*, n. 86.

\_\_\_\_\_, Ramón. (2005) *Redacción periodística en internet*. Pamplona: EUNSA.

**Zamora**, Lizy Navarro (2004) ‘La nueva conformación de los géneros periodísticos en la convergencia digital’ in Casals Carro, M. J. (coord.) (2004) *Mensajes periodísticos y sociedad del conocimiento*, Madrid: Fragua, pp.225-232.